Apoio:

Patrocínio:

Realização:

O QUE ACONTECEU A ABELHA PREGUIÇOSA

O QUE ACONTECEU A ABELHA PREGUIÇOSA

Nos banquinhos de cera de um colégio de abelhas sentavam-se as abelhinhas, escutando com grande atenção os conselhos e os instruções da abelha mestra. Isto lhes ensinava como se tira o mel das flores, como se pode levar para casa o doce xarope sem perder nem uma gota durante todo o longo percurso. Instruía-as na fabricação de favos e na organização das células; na forma de montar guarda e de repelir as agressões dos inimigos que quisessem invadir a colmeia.
Finalmente, ensinava como deviam utilizar suas armas; como lutar com sua espada e com seu venenoso aguilhão; como rasgar as asas dos adversários; como lhes cortar as antenas e esmagar-lhes as patas.
Tudo isto a inteligente professora explicava ás suas pequeninas alunas, a fim de prepará-las para a vida e transformá-las em abelhas obedientes e trabalhadeiras.
De repente a abelha se voltou para uma pequenina

que estava sentada num canto da sala, e que em vez de prestar atenção parecia distraída.
- Espineta! Já estás outra vez olhando pela janela e pensando em outras coisas! Nunca serás nada! Como castigo, esta tarde não irás conosco fazer excursão pelo prado das flores, onde brincaremos alegremente e colheremos bastante mel! Ficarás trancada na sala de aula, sem comida, e repassarás as lições que não soubeste dar esta manhã!
Espineta derramou umas lágrimas, mas não lhe serviram de nada.
Enquanto as abelhinhas se preparavam para a excursão, Espineta foi procurar a sua amiga Dulcelinda e lhe sussurrou ao ouvido:
- Por favor, traze-me um pouquinho de mel, sim? Estou muito triste e me sinto muito infeliz. . .
Espineta era bastante esperta para saber que Dulcelinda tinha bom coração e não podia resistir ao sofrimento de ninguém. A boa abelhinha respondeu, efetivamente:
- A noite, quando a luz ardente do céu se apagar no grande charco, vou chamar-te à janela da tua célula, e te darei uma tacinha de mel através dos barrotes de cera. Mas não durmas, pois sabes que durante a estação das plantas verdes não se pode descansar; só na estação branca nos deixam dormir.
- Está claro, Dulcelinda! - respondeu a outra. - Eu te esperarei acordada.
Imediatamente todas as abelhinhas saíram com sua mestra para o prado das flores. O sol brilhava refulgente, e o ar estava carregado de um perfumado calor. Que alegre e divertido era tudo aquilo!

Provaram o doce néctar e o xarope, se encheram de pólen e, à noite, quando voltaram para a colmeia, iam embriagadas de alegria e saturadas de perfumes e de sol.
Dulcelinda chamou várias vezes à janela da sala de aula; mas Espineta não abriu porque, muito preguiçosa, tinha dormido e estava sonhando com pólen e banquetes de mel.
No outro dia as abelhinhas tiveram de fazer uma composição sobre a merenda campestre que haviam feito, e Espineta, quando as ouviu, ficou com a boca cheia de água.
As abelhinhas falavam dos odorosos jacintos, das rosas, dos concertos que os pássaros lhes haviam dedicado, da visita feita à hospedaria do prado das flores, onde a proprietária, a Senhorita Primavera, havia preparado para elas tacinhas de ouro e pratos cheios de deliciosos manjares. Falaram também de uma terrível aventura. Tinham-se encontrado com um homem gigante, que carregava uma grande rede, onde ele prendia as suas inimigas, as mariposas.
As abelhinhas fugiram, muito assustados, mas a professora as acalmou e o gigante não lhes fez nenhum mal. Mas, mesmo assim, o medo ainda continuava em seus corações.
Tudo isto elas contaram, mas Espineta, com grande pesar, não pôde acrescentar nada ao que as companheiras haviam dito. Sentia porque, embora fosse muito preguiçosa e o trabalho a assustasse, ela gostava bastante de passear pelas flores e pelos campos.
- Covardes, que vocês foram! - exclamou ela. - Por

que não atacaram o gigante? Se eu estivesse lá, ele não sairia com vida!
- Acredito muito, sua fanfarrona! - exclamou rindo a professora. - Quem te ouvir pensará que és a abelha mais trabalhadeira e mais eficiente de todas nós! Amanhã poderás mostrar se realmente o és! Nossa bondosa Rainha virá assistir aos exames e distribuirá os prêmios às abelhas que se tiverem comportado bem e que sejam laboriosas.
Na escola reinava grande atividade. Varreram e esfregaram até os bancos de cera brilharem como o sol, e as janelas do favo reluzirem, deixando passar a luz que o inundava todo.
Espineta também quis ajudar, mas machucou uma pata e gritou:
- Oh! ai! Que dor! Cuida de mim, por favor, Dulcelinda!
E a bondosa Dulcelinda chegou voando e, pondo uma raspa de casca de árvore na ferida, fez-lhe uma atadura com um capim. Não reparou, enquanto fazia isto, que Espineta lhe batia, porque pensava que Dulcelinda se havia esquecido de levar-lhe o mel prometido.
Na manhã seguinte toda a sala de aula estava ricamente enfeitada com grinaldas de florezinhas amarelas e brancas. As janelas apareceram protegidas por pequenas cortinas feitas de finíssima teia de aranha, a fim de impedir que o sol penetrasse com força demais.
A entrada, um grupo de guarda-costas reais se achava brilhantemente formado; e quando a carruagem da soberana, puxada por três grilos negros e reluzentes, se deteve, os guarda-costas

apresentaram seus venenosos aguilhões.
A mestra se inclinou profundamente diante da Rainha, que logo começou a interrogar as abelhinhas: perguntou onde se pode encontrar o mel mais doce e como se unem as células. Depois examinou as alunas na arte da construção: quantos andares deve ter uma colmeia e como devem ser mobiliados os aposentos. Finalmente quis que lhe explicassem alguma coisa a respeito da arte de guerrear, a ciência da manobra das armas, e a defesa de seus lares.
As abelhinhas deixaram muito contente a Rainha com suas respostas, principalmente Dulcelinda, que deu as respostas mais claras. Foi muito elogiada e recebeu a Ordem da Estrela, que era o primeiro prêmio.
Em troca Espineta esteve calada durante todas as perguntas, e só respondeu quando se falou em comer mel e tomar o leite de flores.
Por fim a Rainha, enfurecida, zumbiu e disse:
- Espineta! Nunca serás uma boa abelha operária; és estúpida e ignorante como um zangão; só serves para zumbir e viver do trabalho de tuas companheiras, como fazem os zangões. Com certeza não sabes a sorte que espera os que forem assim! Toma cuidado!
As outras abelhinhas receberam em finíssimas folhas de cera branca os diplomas de seus estudos. Após o descanso de inverno, quando já estivessem crescidas, seriam alistadas no exército da nação das abelhas. Poderiam começar a voar pelo mundo. Só Espineta recebeu uma folha de cera preta, que significava uma suspensão.

- Que me importa! - murmurou ela. - Quando acabar a estação branca e eu estiver grande, vou mostrar a todas o que sou capaz de fazer!
Dulcelinda procurou consolá-la, mas Espineta a repeliu grosseiramente.
- Sai da minha vista sua traidora! - exclamou. - Não quero conversa com gente tão estudiosa!
Um alegre coro encerrou o festival. A Rainha regressou à sua carruagem e ao seu palácio.
Chegou a estação branca e todas as abelhinhas, tremendo de frio, meteram-se dentro de suas quentes habitações, onde dormiram seis meses seguidos. Quando a Senhorita Primavera bateu à porta delas, afastaram com as mãos o sono que ainda tinham colado as pestanas e ficaram mudas de assombro quando se miraram em seus espelhos de mel.
Durante a temporada de descanso tinham ficado fortes e grandes. De repente saíram voando pelo amplo espaço. Bailaram através do ar cheiroso e entoaram o hino da alegria, ensinado pela professora. Depois começaram a trabalhar no prado.
Espineta apesar da sua briga do ano anterior, tinha-se juntado a Dulcelinda, com esperança de tirar proveito daquela amizade.
Quando as duas chegaram ao destino, um prado amplo e cheio de flores, Espineta se instalou no leito amarelo de um girassol e contemplou, muito divertida. Dulcelinda, que ia, ativa, de uma flor para outra, recolhendo mel e pólen.
Quando chegou a noite, a boa Dulcelinda tinha feito também a tarefa que cabia à sua companheira.
Regressaram à colmeia e entregaram no depósito

da Rainha o seu carregamento de mel.
Assim aconteceu, dia após dia. A preguiçosa Espineta estava encantada com aquela vida. Mas tudo terminou dentro de pouco tempo.
Um enorme gigante-homem, apareceu na colmeia e carregou quase todo o mel guardado nos ricos armazéns reais. Encheu imensas vasilhas com o doce líquido e se preparou para ir embora com o seu saque.
Quanto zumbido e quanto murmúrio na colmeia! Toda a nação se reuniu na presença da Rainha e perguntou o que se devia fazer contra o poderoso bandido.
A soberana bateu suas asas e súbito reinou silêncio absoluto.
- Meus queridos súditos - zumbiu ela. - Não se trata de um ladrão roubando nossos tesouros, nem de um bandido assaltando nossa casa. Pelo contrário: esse grande animal é o ser humano, muito mais inteligente do que nós. A ele deve o nosso estado toda a sua fortuna; e o nosso futuro depende absolutamente dele. Esse gigante é quem organiza as colmeias, planta as odorosas flores com as quais nos alimentamos, cuida de nós em tempos de miséria, e em qualquer momento é o nosso benfeitor. Nós lhe pagamos um tributo de mel e cera. O que ele carrega, é com o nosso consentimento. Assim mostramos nossa submissão a um poder muito maior e muito mais sábio do que o nosso. É graças ao fato de as sociedades pequenas servirem às grandes, que se pode estabelecer a ordem em todo o mundo. Portanto, não importuneis o homem no seu trabalho, pois ele

não está cometendo nenhuma injustiça.
Mas Espineta se enfureceu muito ao ouvir estas palavras.
- Como! - exclamou, dirigindo-se a Dulcelinda. - Será que tudo isso, que nos custou tanto trabalho reunir, nos tem de ser roubado? Não podemos tolerar tal coisa!
E apesar da advertência de sua companheira, ela se arremessou sobre o gigante-homem e enfiou numa das mãos dele o seu afiado ferrão.
Soou um grito que, para os ouvidos de Espineta, foi como um trovão. Rapidamente o homem levou à boca uma longa e grossa coluna, que ardia numa de suas extremidades, e lançou grandes nuvens de fumaça na direção do céu, de modo que todas as abelhas tiveram de fugir, meio tontas.
Quando a Rainha soube do que Espineta havia feito, ficou com muita raiva, mandou chama-la à sua presença e lhe perguntou irritada:
- Por que não obedeceste à ordem que eu dei? Como castigo, vais montar guarda durante quatro semanas à porta do quinto favo, sem poder visitar os prados nem os campos, nem ver sequer a luz do céu!
Espineta não gostou nado disso, pois era um trabalho muito cansativo e, sobretudo, um trabalho no qual ninguém poderia substituí-la. Dulcelinda teve de ir sozinha paro os campos, e cada dia regressava carregando maior quantidade de mel, sendo premiada por isso com a Ordem do Mel, que a Rainha lhe entregou pessoalmente.
Como guardiã, Espineta não se cansou muito. De quando em quando comia um pouco do mel que

estava guardando, e depois dormia calmamente, apesar de ser proibido dormir durante o estação verde.
Um dia foi despertada durante o sono.
Um perigoso ladrão, a mosca de cabeça de caveira, havia penetrado no favo, e fugiu com um rico saque.
As abelhas que voltavam do trabalho a viram fugir, com o precioso fardo, e deram o sinal de alarma.
Novamente Espineta compareceu à presença da Rainha, que exclamou furiosa:
- Guardiã infiel! É assim que dás conta da tua incumbência? Não mereces ser chamada nunca mais minha súdita! A partir deste momento vais ser desterrada do meu reino. Sai pelo mundo, e só regresses depois de fazeres alguma coisa que te devolva a tua perdida honra de abelha! Aí poderás voltar a ser de novo membro do meu estado. Em breve virá a estação amarela, e depois a branca. Se até então ainda não tiveres redimido a tua falta, não dormirás o longo sono em meu reino, e morrerás miseravelmente do lado de fora, no frio e na geada! Agora vai e comporta-te como deves!
Espineta se preparou então para uma longa viagem. Lubrificou o seu ferrão-espada, enfeitou o capacete com duas penas, pôs o seu agasalho de veludo e se cobriu com uma capa transparente. Assim equipada, se despediu de Dulcelinda e disse:
- Breve regressarei, triunfante! Derrotarei um número infindo de inimigos, e me homenagearão como o mais bravo dos guerreiros! - E com grande arrogância afastou-se, zumbindo.
Após ter voado um bocado, descobriu uma grande

casa de pedra que se erguia junto da estrada.
Voou ao redor dela, para ver se estava ocupada.
Mas parecia vazia. O caracol que ali morava tinha saído pouco antes, e ainda não voltara.
Nossa valente Espineta abriu com sua espada uma abertura na casa, e se considerou com muita sorte por já ter conseguido um troféu.
Como é natural, aquele esforço a cansou terrivelmente, e ela resolveu, como de costume, descansar um pouquinho. Sentou-se num carvalho, achando que ele podia protegê-la do vento, da umidade e principalmente dos inimigos.
De repente foi arrancada do seu repouso por um bater de asas. Abrindo os olhos, meio sonolenta, sentiu que seu coração quase parava.
Seu mais feroz inimigo, o passarinho, voava por ali, em busca de comida.
Rapidamente Espineta se escondeu embaixo de uma folha e cobriu todo o corpo com ela.
O passarinho se aproximou mais e mais. Espineta tremia dos pés à cabeça.
Naquele instante alguma coisa caiu de cima e ficou presa na folha embaixo da qual estava escondida.
Depois o bater de asas cessou, e quando a abelha saiu, devagarinho, do seu esconderijo, não se via mais o inimigo. Mas na folha de carvalho estava uma pena que o pássaro havia perdido, ao fugir.
Espineta tirou um pedacinho da pena e ficou satisfeitíssima com o seu segundo troféu.
Naquele mesmo instante a terra estremeceu, e quando Espineta meteu a cabeça por cima de um galho, viu um enorme urso, que se aproximava da árvore. Um tremendo rugido chegou aos ouvidos

dela. O urso corria atrás de uma ovelha que estava perdida no bosque e vagueava de um lado para outro.
Com dois saltos a fera caiu em cima do bichinho e o fez em pedaços entre suas patas. Depois fez a sua refeição do meio-dia.
Espineta havia presenciado tudo isto, e novamente um calafrio lhe percorreu o corpo. Não se atrevia a fazer o menor movimento, e esperou em sua árvore até que o urso, tendo matado a fome, foi embora.
Só então ela se atreveu a descer, zumbindo, para apreciar o campo de batalha.
Ali encontrou uma comprida mecha de pêlos que o animal havia deixado para trás de si. Rapidamente a recolheu e entoou um alegre zumbido. Já possuía troféus, prova infalível de seu grande valor e de sua incomparável valentia.
Num só vôo regressou á sua colmeia, e diante do trono da Rainha depôs seus símbolos da vitória, dizendo:
- Poderosa Rainha: saí vencedora em três combates, e livrei a nação das abelhas de tremendos inimigos. Primeiro, do caracol. Eu o matei, e este pedaço da casa dele que aqui está prova a minha ação heróica. O poderoso passarinho, que
ameaça nossa vida e a de nossos filhos, sucumbiu debaixo da minha afiada espada. Trago aqui um pedaço de pena, para provar o meu triunfo. Por fim, aguilhoei de tal maneira o grande urso cinzento, o malvado ladrão de mel, que ele caiu morto.
Arranquei-lhe um pouco de pêlo para que todos acreditassem na minha vitória.

Ao ouvir estas mentiras, a Rainha e todas as abelhas ficaram muito contentes. Elogiaram a valente Espineta e prepararam uma grande festa em sua honra.
Foi tudo enfeitado com bandeirolas, e serviu-se uma grande ração de xarope e de pólen.
Concederam a Espineta o lugar de honra, junto da Rainha, e as abelhinhas que iam à escola entoaram canções guerreiras, elogiando a vitoriosa.
Quando Dulcelinda se aproximou da heroína para felicitá-la, Espineta levantou orgulhosamente a cabeça e não quis falar com ela, pois naqueles poucos minutos se tornara muito vaidosa...
Mas isto não durou muito.
O dia seguinte foi o mais triste de que a nação das abelhas podia recordar-se.
De manhã bem cedo a colmeia chegou a estremecer com as más notícias.
O caracol havia penetrado no principal armazém, devorando as provisões.
Imediatamente se reuniu todo o exército, mas os esforços dos soldados não foram suficientes para matar o caracol, que se fortificou na casa dele. As abelhas não conseguiram arrombá-la, nem conseguiram também tirar da colmeia o caracol, que era pesado demais para elas.
Decidiram, então, cercá-lo com pedras de cera, a fim de que ele morresse de fome. Arrastaram uma pedra após outra, até o local, e ao meio-dia tinham impedido a retirada do bandoleiro.
Naquele mesmo instante chegou outra terrível notícia.
As abelhas operárias, quando voltaram para casa,

anunciaram, entre lágrimas e queixas, que haviam encontrado o terrível caracol que devorou seis das amigos delas.
Reinaram a dor e a angústia, e os amigos e parentes das que haviam perecido tão miseravelmente não podiam consolar-se.
Mas logo chegou outra notícia ainda pior!
O urso tinha assaltado a colmeia, e estava disposto a devorar todo o mel armazenado!
Convocaram as abelhas, e o inimigo foi valentemente atacado. Mas o urso não sofreu muito com as ferroadas. Sacudiu as abelhas, como se fossem moscas importunas, e continuou a sugar o mel, soltando grunhidos de satisfação.
Se o gigante-homem não tivesse acudido com seu tubo trovejante, as pobres abelhas teriam perdido toda a colheita da estação verde, além de suas casas e da residência real. Nada deteria o apetite do monstro.
Aquele foi um dia de terror que as abelhas não esqueceram por muito tempo.
A noite a Rainha mandou chamar Espineta. Todas as abelhas do reino se achavam presentes quando a culpada apareceu.
A Rainha se levantou, furiosa, de seu trono, e gritou:
- Sua mentirosa! Como te atreveste a descrever com tanta falsidade as tuas façanhas? Os inimigos que devias ter matado ainda estão vivos, e hoje viemos a saber disto de um modo tremendo! Vais receber um severo castigo, porque nos enganaste!
Dizendo isto, desembainhou sua espada real e se lançou sobre a miserável Espineta. Mas as cortesãs

contiveram a furiosa Rainha, dizendo:
- Majestade, não vos esqueçais de que, de acordo com as leis do reino, vossa espada só deve ser utilizada contra uma Rainha inimiga! Jamais os súditos devem morrer pelas mãos da Rainha! Para os vilões, só os ferrões das operárias devem ser utilizados.
A Rainha guardou sua espada e ia pronunciar a sentença do eterno desterro, quando a bondosa Dulcelinda deu um passo à frente e sussurrou:
- Perdoai-a, Majestade. Ela é minha amiga, e a minha companheira de folguedos de infância. Eu trabalharei o dobro, o triplo, para sustentá-la, e estou certa de que ela nunca vos causará mais desgostos.
A Rainha olhou bondosamente para Dulcelinda e respondeu:
- Está bem, minha laboriosa e amada filha: por tua causa eu perdoarei Espineta. Mas, para ser abelha operária, ela não serve; para ser abelha de cera, é muito indolente, e para guerreira já vimos que é uma grande covarde! Daqui por diante ela tratará dos serviços mais grosseiros: varrerá as células, esfregará os corredores, amontoará o pólen e amassará a cera.
Espineta se alegrou muito por ter escapado com vida, e prometeu solenemente cumprir suas obrigações com o maior cuidado. Mas, enquanto fazia estas promessas, já dizia consigo que daria um jeito de diminuir tantos incômodos.
E assim fez. Em vez de trabalhar, se entregou à vadiagem. No começo, só um pouco, depois mais, e cada dia ia aumentando. Bebeu xarope e mel,

deixou que o pó se amontoasse e que a sujeira se incrustasse nos cantos. Cada dia Espineta perdia mais a vergonha, até perdê-la de todo. Acabou tomando o costume de se empanturrar com mel e coisas gostosas.
Dulcelinda lhe chamava a atenção, em vão. As outras abelhas a olhavam com desprezo e se afastavam quando ela passava, porque não queriam tocá-la.
Por fim a Rainha soube do que acontecia, e quis ver com seus próprios olhos. Dirigiu-se ao armazém, e um desagradável espetáculo se apresentou aos seus olhos.
A cera estava com uma cor cinza, suja, e por cima do mel flutuava uma camada de espuma.
No chão, estava Espineta deitado, gorda e disforme, inchada de néctar e de pólen, incapaz de mover um dedo que fosse.
Naquela mesma noite a Rainha convocou o Grande Conselho e anunciou um grande acontecimento, que todos receavam. Espineta estava transformada num zangão, dos que vivem e engordam com o trabalho dos outros. O Grande Conselho condenou a culpada à morte.
Quase ao amanhecer, pouco antes de o Sol aparecer no céu, enquanto as outras abelhas descansavam, os guarda-costas da Rainha se dirigiram ao armazém, onde ainda dormia a gorda Espineta.
Desembainharam seus afiados ferrões e se aproximaram da condenada. Espineta abriu os olhos; quando viu as caras ferozes dos que a cercavam, de espada na mão, seu coração se encheu de um medo terrível, e um violento tremor

sacudiu seu enorme corpo.
Ela suplicou covardemente que lhe perdoassem a vida, e prometeu que daquela vez se regeneraria de verdade. Mas foi tudo inútil.
A sentença havia sido ditada, e devia cumprir-se.
A um sinal do chefe, os guarda-costas caíram sobre a infortunada Espineta, que pouco depois jazia sem vida, no chão do armazém. A seguir os guardas se retiraram em silêncio, como haviam chegado.
Imediatamente a notícia do terrível castigo de Espineta circulou por todo o reino, e as abelhas correram a ver o cadáver.
Dulcelinda também foi, e quando viu o corpo despedaçado da sua companheira de brinquedos e de infância, derramou amargas lágrimas. Depois, com a ajuda de suas amigas, levou o cadáver para o prado, o cobriu com terra, e colocou sobre a sepultura uma folhinha de papoula.
Assim teve fim a preguiçosa e falsa Espineta, que podia ter-se tornado uma abelhinha útil, e que em vez disto se transformou num indolente zangão. E se não fosse a sincera amizade da sua amiga, nem uma abelha teria chorado sua morte, nem a sua sepultura teria sido enfeitada com flores!

FIM